

Inclusão e exclusão de pessoas com deficiência nas igrejas: um olhar a partir da Educação Cristã.

Marcos Anderson Tedesco¹

Resumo: Na atualidade, assim como ao longo de toda a história da humanidade, a trajetória das pessoas com deficiência foi marcada por grandes desafios. Do assassinato dos deficientes no mundo antigo às atuais práticas invisibilizadoras, muitas batalhas ainda precisam ser travadas. O presente artigo busca, a partir dos conceitos da Educação Cristã, propor uma reflexão acerca da inclusão e exclusão de pessoas com deficiência nas igrejas. Diante dos dados do último censo realizado no Brasil, procura-se evidenciar a emergência dessa questão no contexto das igrejas e a necessidade de, com o aporte da Educação Cristã, possibilitar uma práxis que perceba o plural e o inclusivo e possibilite à pessoa com deficiência ser sujeito de si.

Palavras-chave: Educação Cristã; Inclusão e Exclusão; Educação Inclusiva; Pessoas com Deficiência.

Abstract: Actually, even as in the whole history of humanity, the way of people with disabilities has been marked by great challenges. From assassination of the disabled in the ancient world until current invisibilizing practices, many battles still need to be available. This article seeks from the concepts of Christian Education, to propose a reflection about the inclusion and exclusion of persons with disabilities in the churches. Considering the data of the last census realized in Brazil, it has tried to evidence the emergence of this question in the context of the churches and the need to enable a praxis, with the contribution of Christian Education, that perceives the plural and the inclusive and it enables to the disabled person being subject of oneself.

Keywords: Christian Education; Inclusion and Exclusion; Inclusive Education; Disabled person.

¹ Mestre em Educação e Bacharel em Teologia e História. Professor na Faculdade Refidim e coordenador pedagógico do Colégio Evangélico Pastor Manoel Germano de Miranda. Evangelista na Assembleia de Deus em Joinville/SC. E-mail: marcostedesco@ceeduc.edu.br.

As pessoas com deficiência, ao longo da história, foram protagonistas de histórias que envolveram invisibilidade, repulsa e incapacidade impostas pela sociedade dita “normal”. Porém, nos dias atuais há uma tendência que busca rever essas concepções. De forma gradual, as pessoas com deficiência estão alcançando o seu espaço com muita luta e determinação. É a busca por uma participação mais ativa na sociedade, não como uma concessão, mas como um direito pético e que precisa ser confirmado a cada dia. Essa busca também precisa se fazer presente nas igrejas permitindo que a pessoa com deficiência viva a sua prática religiosa de forma intensa e que consiga relacionar-se com sua fé mantendo sua condição de sujeito de si. Para tanto, a Educação Cristã apresenta-se como uma possibilidade real para uma igreja mais acolhedora, cuidadora e inclusiva. Nas linhas a seguir, pretende-se compreender melhor essa questão.

1 – Universo das pessoas com deficiência

Ao avaliar a proporção de pessoas com deficiência em nossa sociedade, somos levados a pensar em números modestos e quase imperceptíveis. Isso se deve provavelmente por causa da invisibilidade, do desejo velado de não os percebermos e da exclusão imposta pelas condições sociais. Porém, essa “falsa” percepção não se sustenta frente a um olhar mais criterioso.

No último censo, em 2010, um dado impressionante foi revelado: 23,9% da população brasileira tem algum tipo de deficiência, seja ela visual, auditiva, motora e mental ou intelectual.² Chegamos à constatação de que quase um quarto da população brasileira possui algum tipo de deficiência. Porém esse número pode ser ainda modesto, como veremos mais adiante.

Esse percentual vai se ampliando com o passar da idade dos indivíduos. Segundo Oliveira³, na faixa de 0 a 14 anos, 7,53% das pessoas apresentam pelo menos um tipo de deficiência. Já na faixa de 15 a 64 anos são 24,9% e a partir de 65 anos este índice chega a 67,7%. São números muito significativos e que precisam ser levados em conta ao pensarmos a sociedade e seus desdobramentos.

² OLIVEIRA, Luiza Maria Borges. *Cartilha do Censo 2010*. Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012. p. 6.

³ OLIVEIRA, 2012, p. 6.

O Censo 2010⁴ ainda traz 8,3% da população com algum tipo de deficiência severa, seja ela visual (3,46%), auditiva (1,12%), motora (2,33%), ou mental ou ainda intelectual (1,4%). Como esses dados podem ser aplicados quando são analisadas as memberships das igrejas? Por exemplo, em uma comunidade com quinhentos membros, há uma probabilidade de termos dezessete deficientes visuais, cinco auditivos, onze motores e sete mentais ou intelectuais contribuindo para um total de quarenta pessoas com algum tipo de deficiência severa. Em que medida as igrejas estão preparadas para essa realidade? Há uma longa estrada pela frente.

Impressionante também é a escala ascendente do número de pessoas com deficiência nos censos realizados. No censo 1991, o percentual foi de 1,14%. Em 2000, 14,48% e finalmente em 2010, 23,9%.⁵ Provavelmente esses números sofrerão ainda muitas alterações no próximo censo que será realizado provavelmente em 2020 evidenciando ainda mais a urgência em pensarmos a questão da inclusão e exclusão de pessoas com deficiência.

Para compreender melhor a relevância e as dimensões dessa temática, é importante traçar um olhar acerca de como as pessoas com deficiência foram vistas pelas sociedades através da história.

2 – As pessoas com deficiência ao longo da história

Para melhor compreendermos o momento atual quanto às questões que envolvem a temática da inclusão é necessário um olhar sobre o passado. A história das pessoas com deficiência ao longo dos milênios tem sido marcada exclusão, estranhamento e até a morte. Aos que tinham alguma deficiência, era permitido apenas o viver sua condição interagindo o menos possível com as demais pessoas em seu entorno.

Thomaz (2016)⁶ destaca que, o percurso sócio-histórico vivido pelas pessoas com deficiência ao longo da história da humanidade tem sido marcado por práticas constantes de exclusão e segregação além das que já eram vividas no âmbito da construção das desigualdades sociais como produto histórico de uma sociedade que se apoiava no antagonismo dos grupos sociais.

⁴ OLIVEIRA, 2012, p. 6.

⁵ IBGE, *Censo Demográfico 1940/2010*.

⁶ THOMAZ, Daiane. *Os desafios do trabalho docente pela voz dos professores com deficiência*. Dissertação de Mestrado. Joinville: UNIVILLE, 2016.

Nos tempos mais remotos, segundo Garcias (2002)⁷, haviam duas visões acerca das pessoas com deficiência: a depreciativa e a mítica. Na China, Grécia e Roma, a visão depreciativa entendia a deficiência como algo a ser eliminado. Nessas sociedades era constante o assassinato das crianças que nascessem com algo que não era visto como “normal”. Já na África predominava a visão mítica que levava as pessoas a perceberem o deficiente como um amuleto ou ainda um ser de um mundo místico, o que muitas vezes levava a amputações, por exemplo. Ambas as percepções pertenciam ao conhecido “período da exclusão” que era marcado pela anormalidade que segregava a pessoa com deficiência e a impedia de se relacionar com os outros.

Já na Idade Média, Lancilotti (2003)⁸ afirma que, sob uma forte influência teológica, a dicotomia corpo/mente transformou-se em corpo/alma. Agora as pessoas com deficiência eram vistas como alguém com alma e que não mais eram deixadas ao abandono. O caos do abandono sedia lugar às casas de abrigo, pouco mudava à primeira vista, porém era o primeiro passo de uma grande mudança de paradigmas. Estes asilos, hospícios e hospitais eram uma alternativa que a sociedade encontrava para aqueles que a ameaçavam com suas diferenças.

Em pleno século XX, a pessoa com deficiência começava a ser percebida como alguém que precisava mais do que uma preservação do seu corpo/alma. Surgem as primeiras propostas de inclusão e finalmente de participação na sociedade, porém ainda como alguém que é tolerado no mundo dos “normais”.

Apenas nas últimas décadas é que tem sido apresentada a proposta de uma pessoa com deficiência que é protagonista de sua história. Como “sujeitos de si”, uma nova etapa de uma longa batalha passa a ser travada. E a educação, de fato, passa a ser uma das mais importantes ferramentas nesse processo de inclusão.

3 - Educação Inclusiva para o todo

Um grande desafio para a educação inclusiva nos dias atuais é o alcance da sociedade como um todo. Muitas vezes inclusão tem sido compreendida como o adaptar um espaço que “tolere” a presença do outro, porém esta visão é reducionista e ainda segregadora em sua essência já que o “outro” não participa, apenas convive. É preciso caminhar em um

⁷ GARCIAS, G. L. *De monstros e outros seres humanos: pequena história sobre defeitos congênitos*. Pelotas: Educar, 2002.

⁸ LANCILOTTI, Samira Saad Pulchério. *Deficiência e Trabalho*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

sentido onde a pessoa com deficiência tem toda a possibilidade de ser ativa em sua sociedade e sujeito de si.

Uma das grandes dificuldades para uma educação inclusiva tem sido a dificuldade de superar as interpretações históricas acerca do papel das pessoas com deficiência. Para Caiado (2013)⁹, o conceito de deficiência é historicamente compreendido como incapacidade e vulnerabilidade. Ainda hoje a ideia de inferioridade em relação às pessoas não deficientes acompanha e constitui o imaginário social e vai contribuindo para a construção de práticas sociais que segregam e marginalizam. Enfim, a vida da pessoa com deficiência é provar a todo o momento que possui potencialidades.

Um caminho para mudanças nessa interpretação, segundo Ribeiro (2009)¹⁰, está além das políticas públicas, embora estas possuem sua notável importância. É preciso uma mobilização social na construção de novos valores.

Acerca desta questão, Paula (1996)¹¹, afirma que hoje o problema não está mais no tocante à ausência de legislação ou ainda na oferta de serviços especializados. É preciso levar a sociedade à percepção de que as pessoas com deficiência precisam de fatos serem vistas como sujeitos de si e com plenas condições de vivenciarem conquistas. Mas, isso passa por um verdadeiro compromisso ético da sociedade para com esse grupo.

Há pouco tempo atrás, pensar inclusão levavam a uma prática ainda segregadora. Ao pensar uma educação para os excluídos, criou-se espaço para a “educação especial”. Essa modalidade, segundo Santos e Bordas (2013)¹², pode ser vista também como um fruto da intolerância sobre o diferente mesmo que criada para atender ao desejo de atender as pessoas com deficiência. O que surgia era um sistema de ensino paralelo e marginalizado.

Já nos dias atuais há uma nova concepção acerca da sociedade inclusiva. Para Galvão (2009)¹³, surge uma percepção da diferença e da diversidade como uma realidade intrínseca a todo o ser humano. Dessa forma, somos todos diferentes um dos outros, cada um com suas

⁹ CAIADO, Katia Regina Moreno. *Trajetórias escolares de alunos com deficiência*. São Carlos, SP: EdUFScar, 2013.

¹⁰ RIBEIRO, Sonia Maria. *O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiências nas aulas de educação física*. Tese de Doutorado. Piracicaba: Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Metodista de Piracicaba, SP, 2009.

¹¹ PAULA, Lucília Augusta Lino de. Ética, cidadania e educação especial. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Piracicaba, SP, v. 3, n. 4, p. 91-109, 1996.

¹² SANTOS, Adriana Dantas Wanderley dos; BORDAS, Miguel Angel Garcia. A educação inclusiva brasileira: aprofundando conceitos. *Revista Entrelaçando*, UFBR, Caderno Temático VI, Educação Especial e Inclusão, ano IV, nº 8, p. 116-131, 2013.

¹³ GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. *Tecnologia assistiva para uma escola inclusiva: apropriação, demanda e perspectivas*. Tese de doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

dificuldades e capacidades. Inclusão passa a ser vista como uma dinâmica em direção à equiparação das oportunidades potencializando a ação e a participação plena e autônoma do indivíduo.

Essa é uma percepção sobre o que acontece no campo da educação, mas e a igreja? Como ela se prepara para receber a pessoa com deficiência? Figueira (2015, 174)¹⁴ afirma que: “essa tendência de inclusão iniciada no campo educacional, refletindo na sociedade como um todo, também deve ser realizada nas comunidades cristãs, independente de denominação. É direito das pessoas com deficiência o livre exercício de sua religiosidade.” É diante dessa proposta que a educação cristã se revela como importante ferramenta a fim de possibilitar nas igrejas a participação ativa das pessoas com deficiência.

4 – O que é Educação Cristã?

Para respondermos essa questão, é preciso entender que é na educação que, segundo Adorno¹⁵, percebemos a diversidade humana. A educação nos permite contemplar a sociedade como um organismo vivo que pode ser direcionado tanto a incluir como excluir, dependendo de como esses conceitos são trabalhados nas mais diversas esferas sociais.

Dessa forma, a educação é responsável por uma intervenção direta no cotidiano das pessoas possibilitando que elas desenvolvam atividades que impliquem no contexto em que elas se inserem. Para Franco (2003):

A educação é uma prática social humana; é um processo histórico, inconcluso, que emerge da dialeticidade entre homem, mundo, história e circunstâncias [...], transforma-se pela ação dos homens e produz transformações nos que dela participam.¹⁶

Percebemos que a educação é algo dinâmico e sempre inconcluso. Através da educação o homem vai se percebendo enquanto alguém que possui um papel social. Esse homem tem a oportunidade de, envolto em um movimento dialético promovido pela educação, transformar e ser transformado a partir de sua ação como sujeito de si no mundo. Podemos dizer que a educação é um ato permanente de desenvolvimento e transformação da personalidade levando o ser humano a ser mais articulado e efetivo no seu contexto de relações sociais. É esse sujeito que é agora visto como um ser cognitivo, crítico e transformador em potencial vivendo um novo momento.

¹⁴ FIGUEIRA, Emílio. *Teologia da Inclusão: A trajetória das pessoas com deficiência na história do Cristianismo*. São Paulo: Figueira Digital, 2015.

¹⁵ ADORNO, Teodor. *Filosofía e superstición*. Madrid: Alianza Editorial, 1972.

¹⁶ FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia como ciência da educação*. Campinas, SP: Papirus, 2003. p.73.

Já a educação cristã tem um importante papel na questão que envolve a inclusão e exclusão. Em uma educação transformadora, essa transformação se dá a partir do sujeito e suas relações com o mundo em que vive. O indivíduo que é cristão tem em suas referências espirituais também uma lente que proporrá significado ao seu mundo e também terá suas implicações.

É possível perceber que a educação cristã é vista como algo que se manifesta no ser humano de forma integral influenciando sua forma de se relacionar com o contexto em que ele está inserido e com os indivíduos que fazem parte desse mundo. Assim, a partir do momento em que ele se percebe e assume o cristianismo como opção de fé, há toda uma ressignificação de sua relação com o meio. Sobre esse processo, Pazmiño (2008)¹⁷, afirma que a educação cristã é um processo que, baseado na Bíblia, tem como prioridade conduzir as pessoas de forma integral para um crescimento mediante a experimentação do propósito cristão em todos os aspectos da vida do ser humano.

Logo, a educação cristã precisa ser percebida como uma ação educadora a partir dos propósitos de Deus revelados em Cristo que tem uma amplitude que ecoa em todas as esferas do ser humano levando-o a, de forma integral, se constituir como sujeito de si em um mundo constituído por indivíduos plurais que se articulam entre si influenciando e sendo influenciados.

5 - Educação Cristã percebendo o plural e inclusivo

Há pouco tempo atrás o homem não era percebido como um ser com uma individualidade, mas sim como alguém que pertencia a uma generalização, desumanizado, coisificado. Zabatiero (2009)¹⁸ critica essa desumanização e defende que é preciso uma educação cristã que esteja voltada para a humanização. Para tanto, é preciso dar voz aquele que hoje é fragmentado, o sujeito.

Essa educação voltada para a humanização pode ser compreendida em duas esferas: Primeiramente, é o educar para a prática da justiça e da santidade. Justiça significa, basicamente, agir para que o próximo se torne mais humano, mais semelhante a Cristo, enquanto viver em santidade significa viver para que eu mesmo me torne mais humano, semelhante a Cristo. Já em um segundo momento, educar para a humanização também é

¹⁷ PAZMIÑO, Rober. *Temas Fundamentais da Educação Cristã*. Cambuci, SP: Cultura Cristã, 2008.

¹⁸ ZABATIERO, Júlio. *Novos caminhos para a educação cristã*. São Paulo: Hagnos, 2009.

educar para a vida em uma sociedade isenta de discriminações e preconceitos, na qual Cristo é amado por todos e cada pessoa tem o direito de ser autêntica em sua justiça e santidade.

É quando a educação cristã percebe o ser humano enquanto sujeito de uma história que se constitui também no tempo presente possibilitando a percepção de uma linguagem que privilegie o plural também na teologia dando voz aos anteriormente excluídos. Uma teologia que reconheça o ser humano como alguém que precisa se encontrar enquanto indivíduo, e não apenas enquanto coletividade. A visão conclusa e unilateral passa a dialogar e perceber o diferente, o contextualizado e dinâmico.

Para Moltmann,¹⁹ a vida humana é uma vida compartilhada, comunicada e comunicante, com comunhão na comunicação. Essa faz-se necessário frente a ameaça constante do isolamento social provocado justamente pelo crescente individualismo e consequente rejeição do diferente. É preciso estar atento para que esse isolamento social não determine uma relação de intolerância e não aceitação do outro. O papel da educação cristã deve ser justamente na direção inversa, o de promover uma ampliação de horizontes e assimilação do conceito de liberdade e autonomia em relação aos outros indivíduos.

É possível afirmar que a educação cristã deve promover a liberdade com vistas a um futuro onde as possibilidades se abrem a uma reflexão significativa acerca do que Cristo tem a representar na vida de cada indivíduo levando em conta as suas referências pessoais, suas particularidades e sua essência. Finalmente esse indivíduo, com todas as suas especificidades poderá em suas relações com os seus semelhantes exercer o seu papel na sociedade de forma íntegra em justiça e santidade.

Mas, e a pessoa com deficiência? Como as igrejas estão percebendo este grupo de indivíduos que em pleno século XXI ainda buscam um espaço a muito negado? Será que a pluralidade quando percebida a partir de uma deficiência pode ser vista apenas como alguém que vem “somar”? Para tanto, é preciso uma mudança radical de paradigmas. Para Costa-Renders (2006):

“... devem ser superadas as tradicionais interpretações da deficiência pela Igreja, tais como: punição de pecados cometidos pela pessoa ou pela família em geração anteriores; um sinal de falta de fé que impede que Deus opere a cura; uma manifestação demoníaca, sendo necessário o exorcismo para superar a deficiência, etc. Tais práticas não dignificam a pessoa humana, mas oprimem e desqualificam a pessoa com deficiência para a convivência social em iguais condições de direito.”²⁰

¹⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *God for a Secular Society: The Public Relevance of Theology*. Minneapolis: Fortress Press, 1999. p. 153.

²⁰ COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. As pessoas com deficiência, nos discursos e espaços eclesiais. *Revista Caminhando*. n. 18. Jul-dez, 2006. p. 152.

Essa superação das interpretações tradicionais possibilitará um olhar que pode conferir a pessoa com deficiência uma dignidade que viabiliza uma igualdade de condições e um sentimento de pertencimento de fato. Para Costa-Renders²¹, as questões que envolvem as pessoas com deficiência são bastante conhecidas da teologia e das igrejas, mas um novo fato merece atenção: o imprescindível rompimento com a segregação e a exclusão.

Ao nos referirmos à inclusão e exclusão nas igrejas, busca-se contemplar também as adaptações do espaço físico como rampas de acesso, portas mais largas, banheiros adaptados, faixas em relevo e até cadeiras especiais. Porém, essas mudanças são frutos principalmente de uma legislação moderna e atualizada e não podem ficar apenas na parte física estrutural. Segundo Martins²², os membros das igrejas concordam que há um olhar para a acessibilidade, mesmo que motivado pelas exigências das leis. Mas, é preciso ir além da adaptação do espaço físico. Nessa tarefa, ainda há muito a se fazer.

A educação cristã deve contribuir para o surgimento de uma práxis que permita a pessoas com deficiência a possibilidade de não serem apenas alvo de um cuidado assistencialista, mas sim um “colocar-se” no lugar do outro a fim de percebê-lo como sujeito com desejos, potencialidades e possibilidades de ocuparem um lugar ativo em suas práticas de fé. Para Costa-Renders²³, é preciso ser participante das trajetórias vividas pelas pessoas com deficiência permitindo que elas experimentem a salvação, a libertação e a inclusão de forma plena e sem distinção.

Quando permite-se ser “participante”, o ser humano encontra o outro e o até então desconhecido se descortina. É nesse momento que o olhar que foca a deficiência passa a perceber um algo a mais: a condição humana com suas variáveis. Costa-Renders²⁴ afirma que nesse momento inicia-se uma conversão de um olhar classificatório, seletivo e excludente em um olhar relacional que permite contemplar a condição humana em toda a sua complexidade e diversidade. Segundo Martins (2015):

O caminho da acessibilidade é marcado pela diversidade e a fragilidade de pessoas, que ocorrem na perspectiva do acesso, como forma de complemento e

²¹ COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. *Educação e espiritualidade: pessoas com deficiência, sua invisibilidade e emergência*. São Paulo: Paulus, 2009.

²² MARTINS, Aildo. *O Cuidado de pessoas na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Joinville: possibilidades e divergências da inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais na membresia da igreja*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: PUC, 2015.

²³ COSTA-RENDERS, 2009.

²⁴ COSTA-RENDERS, 2006.

fortalecimento das relações humanas. Aquilo que é diferente no outro é o que me falta, já a sensação de fragilidade, permite me fortalecer nas fraquezas do outro.²⁵

A acessibilidade apresenta-se como uma “via de mão dupla”. Ao mesmo tempo em que a pessoa com deficiência é alvo da atenção e tem o seu papel como sujeito respeitado, também os demais são acrescidos em sua humanidade se completando no outro, fortalecendo-se e sendo fortalecido.

Considerações finais:

Uma longa jornada ainda precisa ser trilhada no que se refere à inclusão das pessoas com deficiência. É necessária a construção de uma teologia que permita a participação daqueles que, em muitos momentos, ainda são vitimados pela invisibilidade. Felizmente essa construção já começa a ser erguida, no entanto é importante que as igrejas se permitam receber em seus cotidianos as pessoas com deficiência, não apenas como assistentes ou expectadores, mas como sujeitos participantes das práticas religiosas e assim possam se expressar, adorar, louvar e serem instrumentos de Deus para o todo.

Referências:

- ADORNO, Teodor. *Filosofía e superstición*. Madrid: Alianza Editorial, 1972.
- CAIADO, Katia Regina Moreno. *Trajetórias escolares de alunos com deficiência*. São Carlos, SP: EdUFScar, 2013.
- COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. As pessoas com deficiência, nos discursos e espaços eclesiais. *Revista Caminhando*. n. 18. Jul-dez, 2006.
- COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. *Educação e espiritualidade: pessoas com deficiência, sua invisibilidade e emergência*. São Paulo: Paulus, 2009.
- FIGUEIRA, Emílio. *Teologia da Inclusão: A trajetória das pessoas com deficiência na história do Cristianismo*. São Paulo: Figueira Digital, 2015.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia como ciência da educação*. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. *Tecnologia assistiva para uma escola inclusiva: apropriação, demanda e perspectivas*. Tese de doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.
- GARCIAS, G. L. *De monstros e outros seres humanos: pequena história sobre defeitos congênitos*. Pelotas: Educar, 2002.

²⁵ MARTINS, Aílto. A linguagem inclusiva da teologia do pentecostalismo clássico: possibilidades de inclusão e acessibilidade de pessoas excluídas da sociedade. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 6, n.2, p. 49-60, 2015. p. 54.

IBGE, *Censo Demográfico 1940/2010*.

LANCILOTTI, Samira Saad Pulchério. *Deficiência e Trabalho*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

MARTINS, Aílto. A linguagem inclusiva da teologia do pentecostalismo clássico: possibilidades de inclusão e acessibilidade de pessoas excluídas da sociedade. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 6, n.2, p. 49-60, 2015.

MARTINS, Aílto. *O Cuidado de pessoas na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Joinville*: possibilidades e divergências da inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais na membresia da igreja. Dissertação de Mestrado. Curitiba: PUC, 2015.

MOLTMANN, Jürgen. *God for a Secular Society: The Public Relevance of Theology*. Minneapolis: Fortress Press, 1999.

OLIVEIRA, Luiza Maria Borges. *Cartilha do Censo 2010*. Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012.

PAULA, Lucília Augusta Lino de. Ética, cidadania e educação especial. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Piracicaba, SP, v. 3, n. 4, p. 91-109, 1996.

PAZMIÑO, Rober. *Temas Fundamentais da Educação Cristã*. Cambuci, SP: Cultura Cristã, 2008.

RIBEIRO, Sonia Maria. *O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiências nas aulas de educação física*. Tese de Doutorado. Piracicaba: Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Metodista de Piracicaba, SP, 2009.

SANTOS, Adriana Dantas Wanderley dos; BORDAS, Miguel Angel Garcia. A educação inclusiva brasileira: aprofundando conceitos. *Revista Entrelaçando*, UFBR, Caderno Temático VI, Educação Especial e Inclusão, ano IV, nº 8, p. 116-131, 2013.

THOMAZ, Daiane. *Os desafios do trabalho docente pela voz dos professores com deficiência*. Dissertação de Mestrado. Joinville: UNIVILLE, 2016.

ZABATIERO, Júlio. *Novos caminhos para a educação cristã*. São Paulo: Hagnos, 2009.